



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9501 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA TERCEIRA IDADE: MEMÓRIAS REVISITADA, ARTE E SENSIBILIDADE

Ana Cristina Quintanilha Schreiber - UNIVESIDADE REGIONAL DE BLUMENAU

Silvia Sell Duarte Pillotto - UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE

EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA TERCEIRA IDADE: MEMÓRIAS REVISITADAS, ARTE E SENSIBILIDADE

RESUMO

Esse texto é recorte de uma pesquisa realizada na academia com o objetivo de possibilitar a vinte idosos de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em um município de Santa Catarina/Brasil, experiências estéticas a partir de histórias de vida em memórias revisitadas. Foram três encontros, ocorridos em um semestre, com duração de 3h cada, incluindo uma expedição cultural. Para subsidiar a pesquisa, alguns teóricos foram fundamentais, como: Dewey (2010), Halbwachs (2004), Duarte Jr. (2003), Bosi (1994) Peixoto (1998), Clandinin e Connelly (2015) e Vygotsky (2010; 1999; 1996). O método utilizado teve viés narrativo, em experiências estéticas, que revisitaram memórias, culminando em depoimentos orais, escritos e produções visuais. A expedição cultural em um Centro de Artes, possibilitou aos idosos apreciar apresentações musicais, o que mobilizou experiências estéticas. Como produção de dados, utilizamos: fotos, filmagens, produções artísticas, observações de campo e anotações. Como resultado, a pesquisa apontou que as memórias revisitadas podem ser ativadas por meio de experiências estéticas, contribuindo nas relações de grupo, no autoconhecimento, possibilitando novos significados para suas vidas no cotidiano. As experiências estéticas, tanto no CRAS, como na expedição cultural, contribuíram para reavivar as memórias dos idosos, levando-os a viagens imagéticas e novas percepções de mundo.

Palavras-chave: Experiência Estética, Terceira Idade, Memórias, Narrativas.

Iniciando a reflexão

Nossa população tem uma expectativa de vida cada vez maior e com a participação mais ativa dos idosos, gerindo sua própria vida. As relações constituídas deixaram de representar inatividade e improdutividade, tornando-se mais autônoma, proativa, independente e com novas atividades sociais e culturais.

A valorização do idoso, de suas memórias, saberes e conhecimentos se faz necessária, uma vez que a terceira idade tem muito a contribuir com suas experiências de vida. No entanto, historicamente o idoso tem seu lugar social e direitos, por vezes esquecidos. Peixoto (1998, p. 76), afirma que as palavras integração e autogestão definem bem o papel do idoso nos dias atuais, sinalizando que “a criação de uma gama de equipamentos e de serviços declara a sociabilidade como objetivo principal da representação social da velhice de hoje”. O mesmo autor, defende a expressão terceira idade como etapa de vida que tem seu próprio valor e sua própria dinâmicas (PEIXOTO, 1998).

Portanto, o envelhecimento é algo inerente à nossa vontade e característico do ser vivo e nesse processo passamos por vários períodos da vida. A terceira idade é mais uma fase pela qual as pessoas passam, levando consigo diferentes dimensões (biológica, social, cultural e estética), constituídas nas experiências dos contextos da família, escola, religião etc., que o constitua como sujeito da ação (BOSI, 1994).

Contextualizando a pesquisa

A pesquisa contou com vinte idosos, que na sua maioria desempenharam atividades agrícolas e pecuárias no campo e que não tiveram a oportunidade de finalizar a Educação Básica e experiências com a Arte. Atualmente, realizam atividades no CRAS [1], que priorizam a troca de experiência na arte e artesanaria, participando semanalmente do grupo [2] de convivência.

Esse grupo é constituído de criação coletiva; um lugar de partilha e ação social. As narrativas dos integrantes do CRAS são potenciais, pois no “processo de compor anais e crônicas, os participantes começam a recordar suas experiências e criar pontos primordiais de uma narrativa pessoal” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 155).

Assim, compartilhar experiências possibilita aos idosos amparo, proteção, gerando uma multiplicidade de experiências mobilizadas por memórias revisitadas e reinventadas. Halbwachs (2004) em suas pesquisas nos diz que as lembranças podem ser reconstruídas ou simuladas e criam representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas e pela internalização de representações de uma memória histórica. Também Bosi (1994, p. 47), afirma que “a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida”. Vale dizer, que nos encontros do grupo de convivência, os idosos têm contato com alguns temas, como: memória, arte e cultura, tendo como base as políticas de atuação do CRAS.

Desta forma, a pesquisa aqui apresentada levou em conta tais pressupostos, realizando oficinas estéticas e uma expedição cultural em um Centro de Artes. Importante destacar, que as ações de pesquisa não tiveram o propósito de terapia, mas, visaram principalmente, exceder esses limites, ampliando horizontes e objetivando uma reeducação do olhar, do sentir e do fazer. Vygotsky (1999, p. 315) sobre essa questão, afirma:

A arte é o social em nós, e se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essências sejam individuais. [...] O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções. [...] As refundições das emoções fora de nós realizam-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade.

O meio para Vygotsky (1996) é revestido de culturas, apreendidas com a participação de mediadores e com as novas situações experimentadas, constituídas de sentidos. As relações

tecidas entre presente e passado, por meio da experiência de memorização, ressignificam o hoje, atribuindo novas possibilidades e significados.

Memórias revisitadas das experiências estéticas

Uma das primeiras ações de pesquisa desenvolvidas com o grupo de idosos foi uma expedição a um Centro de Artes, que atua com aulas nas quatro linguagens da arte (dança, música, artes visuais e teatro).

O encontro dos idosos com as artes nesse espaço, os mobilizou a revisitarem suas memórias, ressignificadas no presente. Na expedição, apreciaram alguns ensaios da orquestra do Centro de Artes, acompanhando o ritmo das músicas com os pés, cabeças e mãos. Também cantarolavam, seguindo as vozes dos cantores, com olhos fixos no palco. O leve toque dos dedos do musicista no piano, o sopro, que surgia do encontro dos lábios dos flautistas, as cordas a vibrar de um violão e suas múltiplas sonoridades, foram agregadas de memórias revisitadas, que para Dewey (2010), são fenômenos que formam a nossa existência atual por meio de experiências que foram incorporadas a nossa personalidade.

Após a apreciação musical e as demais apresentações em dança e teatro, organizamos uma roda de conversa e as narrativas memorizadas dos idosos foram surgindo, comparadas aos dias atuais. Um dos idosos lembrou a década de 1950, em especial os bailes no sítio e o comportamento respeitoso de todos, dizendo: *eles pegavam as cinzas do borralho e passavam naquele chão ali, que você olhava e dava pra se espelhar*. E Sr. Pedro complementou: *eu voltei a quarenta anos atrás*. Na sequência, a Sra. Eracema destacou: *achei muito linda a bailarina, só tinha visto pela televisão, mas nunca pessoalmente*.

A memória para Halbwachs (2004, p. 71) representa “correntes de pensamento e de experiência onde encontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo”. Ao narrar suas memórias, os idosos por vezes se identificavam com os demais, em especial quando rememoravam décadas, costumes, tradições, que emergiam no coletivo.

Além da experiência estética na expedição, organizamos oficinas estéticas no CRAS, que mobilizaram memórias, sentidos e novos modos de perceber a si, ao outro e ao mundo. Uma das experiências teve como ênfase a ampliação dos sentidos por meio do paladar, olfato, percepção tátil e também os processos imagéticos.

Os olhos dos idosos foram gentilmente vendados e na sequência oferecemos vários tipos de frutas (maçã, laranja, uva, pera, morango, entre outras), que saboreavam sem ver, apenas sentindo seu gosto: doce, amargo, azedo, tentando identificar as frutas. Da mesma forma, o fizemos com algumas ervas e especiarias (erva-cidreira, sálvia, orégano, pó de café, canela, cravo, manjeriço, hortelã entre outras) para que o olfato fosse aguçado. Ao saborear as frutas e sentir o cheiro das ervas, os idosos revisitavam o passado, em especial o período das infâncias com seus cheiros, sabores, trabalho e brincadeiras.

A Sra. Nena comentou que os cheiros das ervas e o sabor das frutas remeteram às memórias da infância e da juventude no sítio. Nesse período ajudava a família no plantio e na colheita, destacando a saudade dos pais que já se foram. O cheiro do café para a Sra. Argentina trouxe memórias do fogão a lenha e das manhãs frias do inverno e o aroma das ervas, rememorou a sua infância e as comidas preparadas pela sua mãe, em especial a farofa de ovo. Foram muitas memórias narradas, carregadas de sentidos e emoções.

A segunda oficina estética iniciou com a apresentação de uma caixa colorida ao grupo, ativando a curiosidade. E então, movimentando a caixa, que resultava em vários sons, perguntamos: o que será que há dentro dela? Alguns arriscaram, dizendo: *objetos, brinquedos, plástico...* Continuando a proposta o desafio foi: *a partir da imaginação de vocês sobre as coisas que a caixa guarda, façam um desenho com os materiais que estão postos na mesa ao lado*. Sobre a mesa haviam folhas de papel preto e giz branco, que foi rapidamente apropriado por todos.

Importante ressaltar que “a atividade da imaginação criadora é muito complexa e depende de uma série de diferentes fatores. Por isso, é completamente compreensível que essa atividade não possa ser igual na criança e no adulto” (Vygotsky, 2010, p. 43). Assim, observamos nos traços dos idosos que o registro em desenho trazia o gestual agregado de histórias de vida. E como bem nos lembra Duarte Jr. (2003, p. 47) “através da arte temos como que uma visão dos nossos sentimentos, temos formas que nos permitem ver de fora a inefável dimensão do nosso sentir”.

Ao final das produções, os idosos socializaram seus desenhos e a curiosidade tornava-se mais potente com relação a caixa: *afinal o que há dentro dela?* Vamos descobrir com nossos sentidos, respondemos. Aos poucos, os idosos se aproximavam da caixa com um pequeno orifício, colocando uma das mãos dentro dela na tentativa de descobrir o que lá havia. Tateavam os objetos contidos na caixa: giz de cera, pregador de roupa, algodão, tesoura, entre outros, ativando suas memórias. Possibilidades surgiam: *tem um carrinho*, disse a Sra. Ernestina; *acho que é uma tampinha de garrafa*, afirmou a Sra. Judite; e assim todos imprimiam suas percepções.

No fechamento das oficinas os idosos relacionavam suas produções aos objetos reais e imaginários da caixa e mais uma vez as memórias de infância ganharam destaque: a terra, os animais, os utensílios domésticos, a casa, a família, o trabalho e os costumes e tradições de outra época.

Conclusão

Durante o percurso da pesquisa, foram tecidos caminhos compartilhados em que as singularidades atravessavam o coletivo e a memória se personificava no presente. As narrativas dos idosos ganhavam potências e a escuta o seu lugar no grupo; um aprendizado para todos nós. Os fios que teciam passado e presente ressignificavam o cotidiano daqueles idosos e nosso também, dando-nos novos sentidos de vida e existência.

As conversas e os acontecimentos durante as oficinas estéticas e a expedição ao Centro de Artes, nos possibilitaram a abertura de janelas, gavetas e baús de nossas memórias, valorando nossas histórias de vida e nossas experiências compartilhadas. Lugar de guardados, transmutados de aprendizagens, saberes e experiências, elegendo a maturidade como o espaço da sabedoria.

O contato com a memória do grupo e as experiências proporcionadas pelas oficinas estéticas e a expedição, configurou-se em um canal de aproximação entre todos nós, fortalecendo vínculos afetivos e nossa função social no mundo. Os idosos, narradores de histórias de vida, foram mobilizados e reconstituir suas histórias, trazendo-as para outro lugar – a imaginação e a reinvenção. As narrativas passaram a ser vistas sob um novo olhar; aquele que agrega, conecta e reconstitui o viver.

Referências

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Orientações técnicas Centro de Referência de Assistência social – CRAS**. Brasília, DF, 2009.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.
- PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso e terceira idade. *In: Velhice ou terceira idade?* 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SILVEIRA, Teresinha Melo da. Convívio de gerações: ampliando possibilidades. **Textos sobre Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VYGOTSKY, Lev S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico: Livro para professores/ Lev Semionovich Vigotski**. Tradução Zoia Prestes. São Paulo, Ática, 2010.

[1] O CRAS é uma unidade de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e tem como objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania.

[2] Ao tratar de encontros intergeracionais, incluindo pessoas idosas, Silveira (2002, p. 8) traz a seguinte definição para grupo: O grupo é um espaço ímpar para assimilação de novas atitudes, promovendo mudanças rápidas e eficientes. O grupo permite que se veja uma mesma situação de maneiras diferentes, favorecendo o respeito às diferenças. O grupo informa, esclarece, reorganiza. Além do mais, ele apoia e melhora o relacionamento interpessoal e neste sentido, o compartilhar faz descobrir identidades. Embora o grupo seja um lugar de interação e comunicação, não são apenas as características sociais que se desenvolvem. Nele as pessoas podem tomar consciência dos seus traços mais individuais, dos seus, do que acha que deve ser guardado em segredo, dos sentimentos mais ocultos que podem ou não ser partilhados, de suas preferências, de seus gostos, da sua função e do seu papel dentro e fora dele.

